



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

EDILAYNE LÚCIO LIMA DE OLIVEIRA

**O DEVANEIO DA PERSONAGEM ANA NO CONTO *AMOR DE CLARICE*
LISPECTOR**

CATOLÉ DO ROCHA– PB

2014

EDILAYNE LÚCIO LIMA DE OLIVEIRA

**O DEVANEIO DA PERSONAGEM ANA NO CONTO *AMOR DE CLARICE*
LISPECTOR**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa: Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Edilayne Lúcio Lima de.

O devaneio da personagem Ana no conto Amor de Clarice Lispector [manuscrito] : / Edilayne Lúcio Lima de Oliveira. - 2014.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Mulher. 2. Submissão. 3. Devaneio. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

EDILAYNE LÚCIO LIMA DE OLIVEIRA

**O DEVANEIO DA PERSONAGEM ANA NO CONTO AMOR DE CLARICE
LISPECTOR**

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Orientadora – UEPB - Campus IV

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes

Examinadora – UEPB– Campus IV

Vaneide Lima Silva

Profa. Dra.Vaneide Lima Silva

Examinadora – UEPB – Campus IV

Aprovada em 23 de julho de 2014

Catolé do Rocha – PB

2014

A Deus, que me permitiu viver esse sonho, aos meus pais, por todo o apoio que me deram, em todos os sentidos, às minhas irmãs, que fizeram tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar, aos meus professores, por todo conhecimento transmitido, e, por fim, a minha filha Ana Beatriz, por todos os sorrisos, carinhos e afagos inocentes que me destes, renovando minhas forças diariamente para continuar na luta. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Josiene** e **Espedito**, que apesar de todas as dificuldades sempre fizeram de tudo para me manter na faculdade, sempre me dando apoio, me incentivando e me encorajando a persistir e seguir em frente. Às minhas irmãs que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desse sonho.

A minha amiga **Geilma Hipólito**, que sempre me incentivou e me ajudou como pôde. A minha colega, **Fagna Soares**, por me ajudar com os trabalhos e me incentivar nos momentos em que estava completamente desmotivada e por sua amizade e companheirismo.

Às colegas **Geralda**, **Jucélia**, **Mízia**, **Edileide**, **Maria Eunides** e a todos os meus colegas da faculdade, que, mesmo que indiretamente, me ajudaram a concluir esta longa jornada, através do incentivo e do ombro amigo, sempre dispostos a ouvir e aconselhar.

À professora **Débora Felinto Pereira Moura**, por quem nutro um imenso carinho, por ter me incentivado a cursar Letras e ter colocado em meu coração o gosto pela leitura e pelo universo mágico da literatura.

A todos os meus professores da Universidade, em especial à professora **Maria Fernandes de Andrade Praxedes** por ter aceitado o convite em me orientar.

A minha filha, **Ana Beatriz**, pois sem ela não teria tido forças suficientes para enfrentar a vida e vencer todos os obstáculos que me foram colocados a frente. Foi por ela que não desisti.

A **Deus**, pela oportunidade que me destes de cursar uma faculdade e conquistar um diploma. Sem ele nada disso teria sido possível.

RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir o devaneio da personagem Ana no conto *Amor* de Clarice Lispector, atentando para a autoconsciência da personagem de questionar o papel da mulher diante da sociedade, bem como a fuga do aprisionamento doméstico. Ao sair de casa, espaço interno para a rua, espaço externo, Ana descobre, por meio de quimera, outras realidades, outras pessoas e um mundo diferente do seu. As autorreflexões afastam a personagem de suas responsabilidades de mãe, esposa e dona de casa e a coloca diante dos mais íntimos desejos de vida, visto que há um mundo lá fora de descobertas e possibilidades. O embasamento teórico que orientou esta pesquisa tem em Bachelard (2009), Bourdieu (2001), Beauvoir (2009), Helena (1997), Zolin (2009), as principais referências. O resultado destas discussões aponta que, apesar de inúmeras conquistas ao longo do tempo, ainda falta muito para que a mulher tenha a igualdade de direito respeitada, seja na questão salarial, seja na divisão de tarefas dentro do matrimônio ou em qualquer outro espaço, pois a mulher é vista, muitas vezes, como aquela que deve cuidar da casa, educar os filhos e cuidar do marido, independentemente de trabalhar fora de casa ou não. Espera-se que este trabalho possa ampliar as discussões acadêmicas no sentido de suscitar outras reflexões acerca da submissão feminina, historicamente formulada, ao longo dos séculos.

Palavras-chave: Mulher. Submissão. Devaneio.

ABSTRACT

This work, bibliographical, aims to discuss the character of Ana daydream the story *Love* by Clarice Lispector, focusing on the character of self-consciousness to question the role of women in society as well as the escape of domestic imprisonment. When leaving home, inner space of the street, outdoor space, Ana discovers through chimera, other realities, other people and a world different from yours. The autorreflexões away the character of its responsibilities as a mother, wife and homemaker and puts forth the innermost desires of life, since there is a world outside of discoveries and possibilities. The theoretical framework that guided this research has Bachelard (2009), Bourdieu (2001), Beauvoir (2009), Helena (1997), Zolin (2009), the main references. The result of these discussions suggests that, despite many achievements over time, there is still much that women have equal rights respected, is the salary issue, whether in the division of labor within marriage or in any other place, because women are seen often as one that should keep house, raise children and care for her husband, regardless of work outside the home or not. It is hoped that this work will broaden the academic discussions in order to trigger further reflections on female submission, historically formulated over the centuries.

Keywords: woman. Submitted. Reverie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UM ENCONTRO COM A <i>DAMA ABRASILEIRADA</i>, CLARICE LISPECTOR....	10
2. ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONDIÇÃO DA MULHER.....	13
2.1 A mulher na Antiguidade.....	13
2.2 A mulher da década de 1950.....	15
3. O DEVANEIO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO <i>AMOR DE CLARICE LISPECTOR: ação</i>reflexão.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

O conto *Amor* de Clarice Lispector retrata a mulher brasileira do século XX, época marcada por inúmeras mudanças e transformações na sociedade, que vivia um processo de industrialização e de transições políticas no país. Uma dessas mudanças refere-se à inserção da mulher no mercado de trabalho, que passa a contribuir financeiramente com as despesas do lar, quebrando barreiras e enfrentando críticas por parte da sociedade, altamente patriarcal.

Através da personagem Ana, e de muitas outras de suas protagonistas, Clarice, apesar de não levantar nenhuma bandeira feminista, denuncia a condição de submissão da mulher ao homem, presente principalmente na instituição do casamento. Nesse sentido, a autora dá visibilidade à figura feminina, ao levantar a problemática da igualdade de gênero a partir do momento em que atribui voz a essas mulheres em suas obras, sobretudo nos contos.

Assim como a personagem Ana, muitas mulheres ansiavam por liberdade, liberdade de expressão, de escolhas, como o modo de se vestir, por exemplo, considerando o modelo padrão vigente, o qual todas as mulheres tinham o dever de seguir, pois qualquer uma que pretendesse fugir da “regra”, de alguma forma era punida por isso.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir o devaneio da personagem Ana no conto *Amor* de Clarice Lispector, atentando para a autoconsciência da personagem de questionar o papel da mulher diante da sociedade, bem como a fuga do aprisionamento doméstico.

Este trabalho está estruturado em três seções. A primeira se configura em uma breve apresentação da autora, destacando em suas obras o universo feminino e a epifania que permeiam suas narrativas. A segunda parte da pesquisa aponta uma reflexão sobre a mulher, situando-a em alguns contextos sociais, a exemplo da mulher do período da antiguidade e dos anos 1950, ano de produção do conto em estudo. A terceira seção discute o devaneio da personagem Ana no conto *Amor* de Clarice Lispector, atentando para a ação-reflexão da mulher que vive o aprisionamento de ser esposa, mãe e dona de casa e, em função disso, procura encontrar uma saída para fugir da realidade, encontrando no devaneio uma forma de justificar suas atitudes.

1. UM ENCONTRO COM A *DAMA ABRASILEIRADA*, CLARICE LISPECTOR

Nascida na Ucrânia, em 10 de dezembro do ano de 1920, em uma pequena aldeia chamada Tchechelnik, Clarice Lispector veio para o Brasil com sua família ainda pequena, em busca de refúgio, durante o período em que seu país enfrentava uma guerra civil. Seu nome de origem é Chaya Lispector, o qual só ficou conhecido após sua morte, em 09 de dezembro de 1977, fato ocorrido um dia antes de completar 57 anos.

Em 1933, aos treze anos de idade, a jovem e talentosa escritora tem seu primeiro conto, *Triunfo*, publicado em uma revista. Desde então, Clarice dedicou-se a sua carreira de escritora e foi se destacando dos demais escritores de sua época, ganhando com isso o reconhecimento de sua obra, tanto em território nacional como internacionalmente.

No conjunto de sua produção literária destaca-se *Perto do Coração Selvagem*, seu primeiro romance, publicado em 1943, que lhe rendeu o Prêmio Graça Aranha em outubro do ano seguinte. Outra obra de destaque é *A Maçã no Escuro* (1961), que descreve uma descida do personagem Martin à loucura. Sobre essa obra Moser (2009, p. 319) comenta que “A loucura em *A maçã no escuro* é uma ferramenta positiva de conhecimento, não um meio de autodestruição”. Nessa obra, o tempo psicológico predomina, haja vista que o narrador segue o fluxo do pensamento e o monólogo interior das personagens, algo recorrente nas obras de Clarice.

Analogicamente a essas obras está *A Paixão Segundo GH*, publicada em 1964, que deu maior visibilidade à obra de Clarice Lispector, por colocar em evidência a linguagem por ela utilizada em sua escrita para narrar os acontecimentos vividos por seus personagens. Além desses romances, a autora publicou diversos livros de contos e crônicas. Dentre os livros de contos *Laços de família* (1960) e *A legião estrangeira* (1964) estão entre os mais conhecidos de sua obra, sendo *Laços de família* composto por treze narrativas, todas elas com histórias semelhantes à de Ana, no qual a maioria dos personagens encontram-se ligados aos laços familiares, numa relação de afeto e aprisionamento doméstico. Personagens como Laura de *A imitação da rosa* e a personagem do conto *Devaneio*

e *embriaguez duma rapariga* refletem bem a condição de subserviência feminina, na qual Ana se encontra.

No entanto, Clarice não se limitou ao público adulto, ela também resolveu arriscar-se na literatura infantil, a pedido de seu filho Pedro, publicando no total quatro obras infantis: *Mistério do Coelho Pensante* (1967), *A Mulher que Matou os Peixes* (1969), *A Vida Íntima de Laura* (1974) e *Quase de Verdade* (1978). Suas personagens infantis seguem a mesma sequência psicológica que os personagens adultos.

Uma das características marcantes do estilo literário de Clarice é o uso da *epifania*, momento em que o/a personagem tem sua consciência desperta, geralmente provocada por um fato inusitado, que o/a faz descobrir, verdadeiramente, o mundo à sua volta.

Além disso, a maioria de suas personagens femininas costuma ser retratadas com um sentimento de insatisfação e incompletude, que está diretamente ligada à condição de aprisionamento das mesmas no ambiente doméstico, e levam-nas a uma busca incessante pela própria identidade, travando um confronto interior consigo mesmas.

Dessa forma, Clarice problematiza e questiona o papel social da mulher de maneira recorrente, independentemente do ambiente ou classe social ao qual a personagem pertença, a autora sempre encontra um modo peculiar de despertar uma reflexão nos seus leitores a respeito da condição feminina na sociedade.

Clarice Lispector já foi considerada pelos críticos como mística, feminista, e até mesmo pornográfica. Sua figura excêntrica e sua personalidade marcaram o estilo de suas obras e tornaram-na uma das autoras femininas mais conhecidas da literatura brasileira.

Sobre Clarice, essa mulher indescritível, Moser (2009, p. 17) destaca:

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”.

A subjetividade com a qual Clarice escreve suas obras deixa claro seu envolvimento com os personagens, principalmente quando se trata de personagens femininas, que expressam sua condição como mulher e como ser humano e, muitas vezes, trazem nas entrelinhas características pessoais da escritora, emitindo suas opiniões e reflexões de vida.

De acordo com Helena (1997, p. 109),

A obra de Lispector – ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história – não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade.

Dessa forma, ao falar da condição feminina em sua obra, Clarice procura fazer uma intermediação entre a realidade e a ficção. Ela não se satisfaz em escrever por entretenimento, mas se preocupa com o impacto que sua obra irá causar na vida e no pensamento do leitor, buscando provocar suas mentes e induzi-las a uma reflexão interior a partindo da escrita.

2. ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONDIÇÃO DA MULHER

2.1 A mulher na Antiguidade

Na antiguidade, mais precisamente no século XII, defendia-se a ideia de que a mulher era a porta de entrada do diabo na vida humana, haja vista que foi através de uma mulher, Eva, que o pecado entrou no mundo. Por esse motivo, a mulher era vista como um ser amaldiçoado, sendo associada ao demônio.

Sob essa ótica, toda a culpa do pecado recai sobre o gênero feminino, pois foi através da mulher que o homem desviou-se do caminho da salvação. Além disso, a mulher é vista unicamente como uma parte do homem, e não como um ser inteiro, pois, como está escrito nas escrituras bíblicas, Deus a criou a partir da costela do homem e a fez para o homem, afim de que este não se sentisse só. Por isso, defende-se a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem.

De acordo com Duby (2001, p. 51):

Se o homem separa-se de sua mulher por causa qualquer que não seja fornicção, mutilado de uma costela, já não é completo. Para a mulher é bem pior: se abandona seu homem, ela não existirá mais para Deus, pois não é, de início, um corpo completo nem uma carne completa, mas apenas uma parte oriunda do homem.

Nessa perspectiva, nem o homem nem a mulher serão completos se não estiverem juntos pelo matrimônio. No entanto, o homem continuará a existir diante de Deus, enquanto que a mulher não mais existirá para Deus a partir do momento em que deixar o marido, pois, como ela é apenas uma parte do homem, não poderá existir nem tampouco ser uma pessoa inteira sem ele. Dessa forma, reforça-se a ideia da união monogâmica como indissolúvel.

Ainda no século XII, costumava ser comum o culto à virgem Maria, associado à defesa da preservação da virgindade nas moças antes do casamento. As mulheres virgens eram consideradas pecadoras apenas por sua origem, sendo aconselhadas a assim permanecer, pois esse era o desejo de Deus. Nessa época, a virgindade funcionava como “medidor” da pureza feminina.

Sendo assim, Duby (2001, p.94) afirma que “Apenas às virgens as bodas são prometidas. As esposas permanecem no pecado. Jesus as mantém a distância. Mostra-lhes como se conduzirem. Misericordioso, alimenta sua esperança. Mas não as acolhe imediatamente em seu leito.” Nesse sentido, às virgens a salvação era

garantida, pois mantinham sua ingenuidade e pureza de menina, enquanto que às casadas, por já terem perdido seu “bem mais precioso”, a virgindade, permaneciam no pecado e levariam mais tempo para conseguir a salvação.

Somente no século XVII a visão que se tinha até então sobre as mulheres começa a mudar, sendo valorizada a importância da mulher como mãe, que, curiosamente, ainda não era considerada como fator essencial na criação e educação dos filhos, e, somente a partir do final do século XVIII, começa a se formar um pensamento favorável às mulheres, com a valorização da maternidade, o que as fazem ser vistas como um ser humano bondoso e altruísta. O trecho que se segue confirma isso:

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte (...) Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade (BADINTER, 1995, p. 145-146).

A associação da figura feminina ao papel de mãe atribui-lhe, a partir de agora, características doces, desconstruindo a visão que se tinha da mulher como demônio e criando uma nova interpretação a seu respeito, ligando-a a imagem de “anjo protetor”, sendo apontada como o ser perfeito para desempenhar a função que lhe foi conferida por Deus.

No Oriente Médio, principalmente no Líbano, os direitos femininos dentro do matrimônio são praticamente inexistentes. A mulher geralmente sofre agressões físicas do marido e tem que silenciar diante das atrocidades praticadas pelo esposo, visto que esse tipo de agressão à esposa não é considerado um crime, o que torna a violência doméstica uma prática comum no país.

Além disso, no Líbano, não há nenhuma punição para o marido que forçar a mulher a ter relações sexuais com ele. Isso é algo comum para os libaneses. Para se ter uma ideia das desigualdades entre homem e mulher no Líbano, quando o marido descobre que está sendo traído pela mulher, ele tem o direito de matá-la. No entanto, se a mulher descobre que está sendo traída e mata o marido, ela é imediatamente condenada à prisão perpétua ou à morte por enforcamento.

Alguns costumes dos países do Oriente Médio referentes às mulheres são:

- As mulheres são proibidas de dirigir automóveis pelo Corão, livro sagrado.

- As mulheres não podem sair desacompanhadas nem com os cabelos descobertos. Isso só é permitido às estrangeiras.
- No Egito, as mulheres casadas só podem exibir seus cabelos ao marido e à família.

Diante do que foi dito, retoma-se mais uma vez a questão da repressão e desvalorização feminina, existente no mundo inteiro, sendo que essa repressão e desvalorização ocorrem de maneiras diversificadas em cada país, devido a fatores políticos e culturais de cada localidade.

2.2 A mulher da década de 1950

Por muito tempo, o papel da mulher na sociedade resumia-se a cuidar dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos. Era-lhe negado o direito de estudar e trabalhar, bem como o de escolher para si seu próprio marido, este era escolhido pelos pais da moça.

Indubitavelmente, a mulher sempre foi colocada em posição inferior a do homem na sociedade, tendo sempre que se submeter aos desejos do pai ou do marido. Após séculos de submissão, a mulher decidiu lutar por seus direitos, mostrando ser capaz de fazer suas próprias escolhas. Sobre essa inferioridade da mulher em relação à “superioridade” do homem, Beauvoir (2009, p.99) acredita que:

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...). Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher.

Ao homem sempre foi dado o lugar de liderança, a figura masculina sempre esteve ligada ao poder. Com isso, a dominação da mulher pelo homem tornou-se algo comum praticado por uma sociedade machista, que privilegia o homem e oprime a classe feminina.

Não há como negar que as mulheres viveram anos e anos sob o domínio masculino, abrindo mão de seus sonhos e até mesmo de sua felicidade em prol dos

desejos do pai ou do marido, sujeitando-se ao que a sociedade impunha como dever da mulher.

No entanto, todas essas restrições impostas às mulheres pela sociedade não se detinham apenas ao ambiente familiar, mas estavam presentes em todas as áreas que a mulher desejasse atuar. Na literatura, por exemplo, a mulher também enfrentou obstáculos para ser aceita. A própria Clarice sofreu certa resistência por parte da sociedade para ter seu trabalho reconhecido. Sobre o aspecto da valorização, ou, melhor dizendo, da desvalorização da produção literária feminina, Zolin (2009, p. 253) lembra que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo.

Com isso, as primeiras escritoras tiveram que adotar pseudônimos masculinos para terem seus textos publicados, pois, a sociedade, altamente patriarcal e machista, não admitia que uma mulher ocupasse o mesmo espaço que um homem.

No Brasil, a trajetória da literatura de autoria feminina foi marcada por três fases: a fase feminina (1859-1944), a fase feminista (1944-1990) e a fase fêmea, de 1990 até a fase atual. Clarice está enquadrada na fase feminista, apesar de não considerar-se como tal.

Através do conto *Amor*, Clarice problematiza e questiona o espaço ocupado pela mulher da década de 1950, tendo em vista que o conto foi publicado, inicialmente, em 1952, num livro intitulado *Alguns contos*, e, posteriormente, em 1960, no livro de contos *Laços de família*.

A década de 1950, conhecida também como os Anos dourados, foi um período de transição de valores e mudança de comportamentos, em decorrência do surgimento dos movimentos feministas no Brasil. Nesse período, devido ao processo de industrialização que ocorria no mundo inteiro, a mulher passou a desempenhar novos papéis e ocupar novos espaços na sociedade, como inserir-se no mercado de trabalho.

Todas essas transformações deram à mulher maior independência em relação ao homem. No entanto, boa parte da sociedade reprimia esse tipo de comportamento, sendo reforçado, principalmente pelas revistas da época, que o lugar da mulher é cuidando do lar, pois o trabalho a masculinizava.

Além disso, a época também foi marcada pelo surgimento dos anticoncepcionais, que dava maior conforto e segurança as mulheres que não queriam engravidar, o que fez surgir diversas críticas da sociedade em torno do uso desses métodos contraceptivos, por acreditar que isso afastava a mulher de seus deveres conjugais e da maternidade, tendo em vista que muitas mulheres adiavam a maternidade em detrimento do trabalho. Nesse mesmo período, os movimentos civis em favor dos negros e dos homossexuais se intensificaram. Foi exatamente nesse período que Clarice Lispector escreveu o conto *Amor*.

Para Bassanezi (2006, p. 609), na década de 1950, Anos dourados, “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação.” De acordo com a sociedade da época, a mulher ideal deveria vestir-se de forma discreta, para não chamar atenção nem provocar ciúmes no marido. Não era comum para a sociedade, até então, ver mulheres deixarem suas casas para trabalhar, pois para os homens isso chegava a ser vergonhoso. No entanto, de acordo com Bassanezi (2006, p. 625):

Era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho. Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua.

Para os homens da época, ser o único provedor da casa conferia a eles certo “poder” e domínio sobre a mulher. Com essa nova fase da humanidade, a mulher poderia contribuir com as despesas de casa e isso lhe permitiria certa independência do homem e lhe concederia direitos, ou pelo menos deveria conceder, de expor suas opiniões nas questões do lar e na vida conjugal, e o homem não queria lhe conceder tal “liberdade”.

No entanto, “Isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas” (BASSANEZI, 2006, p.608).

Muitas mulheres desse período tinham pensamentos e atitudes radicais, se comparadas ao padrão da época, por discordarem do pensamento vigente. No entanto, devido a forte influência da sociedade, muitas não conseguiam enfrentar sua realidade por medo de comprometer sua honra ou até mesmo serem ignoradas pela sociedade e deixadas à margem dela, preferindo aceitar as regras sociais e continuar vivendo “tranquilamente”, sem nenhuma “perturbação”.

3. O DEVANEIO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO *AMOR DE CLARICE LISPECTOR*: ação x reflexão

O conto *Amor* narra a história da personagem Ana, mãe dedicada, esposa fiel e uma dona de casa exemplar. A personagem vive presa à sua rotina diária, que consistia em cuidar das crianças, da limpeza e organização da casa e preparar as refeições para a família. Quando acabavam suas ocupações em casa, Ana buscava outras atividades para fazer fora de casa, como ir ao mercado fazer compras ou levar coisas para consertar. Em um desses dias em que Ana precisou sair de casa, aconteceu um fato que mudou seu modo de pensar e encarar a vida. Quando voltava para casa em um bonde, a personagem se depara com a imagem de um cego parado no ponto mascando chicletes e parecia sorrir. Essa visão provocou nela momentos de profundo devaneio, e a fez refletir sobre sua vida e sua condição de mulher subalterna.

No conto *Amor* de Clarice Lispector, a construção da personagem Ana situa-se na década de 1950, período em que o conto foi publicado, época em que muitas restrições ainda eram impostas à mulher, devido ao modelo patriarcal vigente na sociedade, que concedia à figura feminina papéis e atribuições como as de dona de casa, mãe e esposa.

Ainda que indiretamente, o conto versa sobre a questão do matrimônio, no qual fica claro a divisão de tarefas que cada um dos conjugues tem de cumprir, de acordo com o seu gênero. Nesse caso, à mulher cabe cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto que o homem tem que trabalhar para sustentar a família.

Sendo assim, o casamento seria uma espécie de armadilha da sociedade patriarcal, tendo em vista que a mulher, ao casar, agrega ao seu nome o sobrenome do marido, e, de alguma forma, será “pressionada” a ter filhos, mesmo que esse não seja um sonho seu. Isso faz com que a mulher se torne cada vez mais dependente do homem e fique mais tempo presa no ambiente doméstico.

Sem dúvida, o casamento e a maternidade não passam de meras estratégias de aprisionamento da mulher dentro das condutas sociais. Refletindo sobre essa questão, Bourdieu (2001, p. 103) afirma que:

É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da

representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.

Assim como a personagem do conto, muitas mulheres viveram esse cárcere privado dentro de suas próprias casas, sem ter direito a expor seus pensamentos e defender as ideias nas quais acreditavam, por medo de serem repreendidas por seus maridos ou pela sociedade, pois foram doutrinadas a ser submissas aos homens desde a infância, aos quais deviam obedecer sem nenhum questionamento.

É sob essa perspectiva da submissão da mulher ao homem e às condutas sociais que o conto *Amor* se sustenta. A rotina da personagem Ana passa por um processo de questionamentos entre dois mundos: o interno, do qual ela faz parte como dona de casa, esposa e mãe, e o mundo externo, aquele que eclode, a priori, como esfera desconhecida aos olhos e experiências de vida de Ana.

O conto inicia-se com a descrição do cotidiano da personagem Ana, uma mulher comum, de classe média, cuja vida resumia-se a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Essa condição de mulher domesticada pode ser constatada no trecho abaixo:

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação. Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. [...] A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. (LISPECTOR, 1960, p. 19)

Ana parecia conformada e até mesmo confortável com a vida que levava até então, como esposa, mãe e dona de casa. “[...] cresciam seus filhos, crescia a mesa com comida, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome [...]” (LISPECTOR, 1960, p. 19), à espera que sua querida esposa prepare o seu prato, enquanto ele descansa no sofá. Essa é uma cena típica dos costumes das famílias brasileiras, que continuam perpetuando a subserviência das mulheres aos maridos, servindo cafezinho na cama, preparando o prato do marido, etc. São atitudes que reforçam a ideia de que o homem é o “rei” e a mulher a “serva obediente”.

No entanto, pouco a pouco a mulher começa a revelar sua insatisfação. Algo lhe inquieta. O narrador chama atenção para o perigo da tarde, uma espécie de ambiguidade que pode corresponder a uma situação indefinida e vaga para a personagem. O narrador sinaliza esse perigo quando afirma que “certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se” (LISPECTOR, 1960, p.19) e a ansiedade e o vazio da rotina tomavam de conta de seus pensamentos. Ana não sabia em que descarregar a sua ansiedade e acabava procurando coisas para se ocupar e afugentar esses pensamentos. Para ela, cada segundo era muito tempo quando não havia mais tarefas para fazer, e isso a angustiava.

A saída de Ana para ir às compras se configura em uma espécie de fuga da realidade, a personagem sai da sua zona de “conforto” para experienciar os perigos do mundo lá fora. Em casa, possivelmente insatisfeita com a atual situação na qual estava inserida, Ana já vivia seus devaneios. O narrador conduz o leitor à compreensão de que a mulher não era feliz, tinha outras necessidades ocultas, e devanear ainda era a única forma de encontrar respostas às suas inquietudes.

De acordo com o narrador, “no fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado” (LISPECTOR, 1960, p. 20). Para a personagem, sonhar era algo que não era permitido às mulheres, tendo em vista que não podiam se tornar realidade em detrimento das fortes críticas sociais que sofriam constantemente, sempre refletindo em suas escolhas.

Nesse sentido, o narrador coloca em discussão a insatisfação de Ana em relação às atribuições que lhe foram impostas, pois nascera para outras atividades, “Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem.” (LISPECTOR, 1960, p. 20). O narrador acaba revelando o desejo da personagem de desenvolver uma profissão, pois Ana tinha um dom para as artes. No entanto, seu dom limitou-se aos afazeres do lar, como costurar roupas para seus filhos, e Ana sabia que poderia ser bem mais que isso. Para evitar a desordem na cabeça de Ana, o narrador defende que ir às compras seria uma forma de preencher a mente e, conseqüentemente, evitar pensar em “bobagens”. Tal era seu pensamento:

Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. (LISPECTOR, 1960, p. 21).

Tudo era planejado para que um dia sucedesse ao outro, sem interrupções ou surpresas “desagradáveis”. Para a personagem, sair de casa para fazer compras acabara se tornando uma espécie de fuga, uma fuga de seus próprios pensamentos, uma fuga dela mesma, mas uma fuga, sobretudo, consciente, pois Ana se recusava a enxergar sua realidade, como forma de proteger-se de si mesma, de suas vontades, e, dessa forma, criava para si uma vida aparentemente tranqüila e estável. Sobre esses aspectos, o narrador lembra que:

O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. (LISPECTOR, 1960, p. 20)

Ana preferiu tornar-se uma pessoa comum, mãe, esposa e dona de casa, a ter que enfrentar os preconceitos e as críticas da sociedade em busca da realização dos seus sonhos. No entanto, sua vida se tornou uma vida sem objetivos, sonhos e metas. Apenas a rotina era agora sua companheira, e nela Ana sentia-se segura.

Para Moser (2009, p. 293) “[...] como em tantas narrativas de Clarice, a existência banal de Ana é abalada por um evento igualmente banal: ao voltar das compras, sentada num bonde, ela vê um cego mascando chiclete”. Conforme descrição do narrador:

[...] Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. O que havia mais que fizesse Ana se apurmar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. [...]. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultando, Ana olhava-o. (LISPECTOR, 1960, p. 21).

A partir desse momento, Ana já não conseguia mais deixar de pensar no que vira. Essa visão inesperada provoca na personagem um momento de profunda reflexão, momentos de delírios e de devaneios, pelos quais ela descobre a si mesma e o outro. Pressupõe-se que a partir dessas descobertas Ana questiona sua condição de mulher – percebe que não era tão feliz o quanto pensava, pois dentro dela haviam sonhos aprisionados, os quais ela tentou esconder de si mesma a vida toda, em função de uma vida pautada nos modelos estabelecidos pela sociedade da época.

O percurso desses devaneios é apresentado pelo narrador quando reproduz os pensamentos e atitudes de Ana. Os desejos contidos da personagem vão, paulatinamente, sendo descortinados à medida que ela fica perturbada com a imagem do cego, que surge como a metáfora da cegueira feminina da época. Nessa questão Clarice Lispector é perspicaz, visto que a tônica de suas obras é registrar os pensamentos e os sentimentos mais profundos da mulher. Para Bonicci (2007) a proeza de Lispector é colocar em sua ficção os principais conceitos de desejo feminino independente da dominação masculina.

As inquietações e desejos da personagem clariceana parece revelar uma autoconsciência. Embora esses desejos se configurem em devaneios, estes se apresentam como uma atitude de fuga de realidade. Sobre esse aspecto, Bachelard afirma que:

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a “inclinação do devaneio” — uma inclinação que sempre desce —, a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, se *obscurece*. Assim, quando se devaneia, nunca é hora de se “fazer fenomenologia”. (BACHELARD, 2009, p. 5).

O devaneio permitiu à Ana fugir de sua rotina e adentrar no íntimo de si mesma, fazendo-a reviver seus antigos pensamentos e sonhos que um dia pensou em realizar, mostrando-a um caminho que sempre desejou trilhar, mas abandonou-o por não ter coragem de enfrentar as consequências de suas possíveis escolhas.

Ana ficou distraída durante algum tempo, devaneando, pensando na imagem do cego, e em como ele conseguia parecer feliz vivendo da maneira que vivia, sem ver a luz do dia, até que, quando “o bonde deu uma arrancada”, ela foi jogada para trás e, por causa do susto, acabou dando um grito. As compras caíram no chão e os ovos quebraram. Com a quebra dos ovos, há uma sinalização da quebra da rotina

da personagem, naquele momento ela não mais se encontra no aprisionamento do lar. Durante algum tempo parece que nada poderia ser feito para reverter o estado de devaneio e perturbação de Ana “o mal estava feito.” “Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. [...] E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca”. (LISPECTOR, 1960, p. 23).

De acordo com Masutti (2003, p. 33):

[...] a metáfora do ovo utilizada por Clarice, é uma pista de que aquilo que vinha sendo ‘chocado’ não fazia mais sentido em sua vida e a ruptura era necessária, porque houve um impulso propulsor de mudança – uma espécie de epifania que conduziu à percepção da alteridade e de outros mundos possíveis.

O balançado do bonde, a arrancada e o cuidado com os ovos remetem aos cuidados que a personagem precisa ter com o mundo externo. Ao sair de casa, Ana é lançada aos perigos lá fora. A rotina da mulher está ameaçada, sua condição de esposa, mãe e dona está na corda bamba, Ana precisa se resguardar para evitar a quebra do modelo feminino vigente, sua integridade moral não pode ser abalada, fragmentada.

Mesmo depois de ter sido jogada para trás e ter chamado a atenção de todos por isso, Ana tornou a pensar no cego, e só depois de muito tempo percebeu que o bonde já havia passado do seu ponto de descida sem que ela notasse. “[...] desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.” (LISPECTOR, 1960, p. 24-25). Ana estava tão atordoada que não conseguia sequer identificar o local onde estava. Só depois de ficar algum tempo parada olhando o muro, percebeu que estava no Jardim Botânico. “[...] sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.” (p. 24)

Ao chegar a casa, Ana agiu normalmente. Mas, após o jantar tornou a pensar no que sucedera durante o dia. A imagem do cego encheu seu coração “com a pior vontade de viver” (p. 27). Mesmo sem nenhuma mudança concreta em sua rotina, a vida de Ana nunca mais seria a mesma.

O devaneio só termina com o estouro do fogão: “Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! Pensou correndo para a cozinha e deparando

com seu marido diante do café derramado.” (LISPECTOR, 1960, p. 29). “Acabara-se a vertigem de bondade”. Acabara o devaneio!

Apesar de todas as reflexões feitas acerca de sua vida no momento em que devaneava, Ana não consegue desvencilhar-se de sua rotina. Para ela a mudança significaria um risco à sua segurança, segurança essa que ela só sentia dentro de sua casa. Estar de volta ao seu cotidiano proporcionava-lhe certo conforto, pois já estava habituada a viver daquela forma, e mesmo tendo mudado em seu pensamento, a personagem não consegue agir de forma diferente da qual estava acostumada, talvez por medo ou insegurança das consequências que essa mudança de comportamento traria para sua vida.

A reflexão maior desse conto está, a nosso ver, no momento em que a personagem percebe, pela imagem do cego, a sua “cegueira”. Ela sim estava cega, pois se negava a enxergar a vida como ela realmente é, criando para si uma vida falsamente estável. Para a sociedade, talvez sua vida parecesse uma vida boa, mas para ela não funcionava da mesma forma, pois, apesar de ter conquistado uma vida financeiramente confortável, um bom marido e ter bons filhos, Ana não estava feliz. Algo lhe faltava para preencher esse vazio existencial: libertar-se. Ela precisava sentir-se livre para viver sua própria vida, seus próprios sonhos. Essa reflexão pode ser constatada na seguinte passagem: “A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.” (LISPECTOR, 1960, p. 25).

Para Ana, após o devaneio, a morte ganhara um novo significado: estar viva para uns, mas morta para si mesma, à medida que ela negava a si o prazer de realizar seus sonhos, vivendo sempre em função da realização do outro, que, em seu caso, corresponde ao seu lar.

O devaneio da personagem Ana acontece principalmente no espaço público (externo), quando ela sai de casa, pois a personagem ficava exposta a situações às quais não estava acostumada a presenciar no ambiente privado (lar). Já quando ela retorna ao lar (espaço interno) tudo volta ao normal, pois nele a personagem se sente segura, longe dos “perigos” que o mundo lá fora lhe oferece.

A partir do devaneio a personagem passa a se autoconhecer, tomando consciência de como seria sua vida se tivesse feito escolhas diferentes, se tivesse respeitado seus sonhos e decidido lutar por eles. Por isso ela divaga na sua imaginação. Segundo Bachelard (2009, p. 8), “A imaginação tenta um futuro. A

princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades”. E sair dessa estabilidade foi a única forma que Ana encontrou para sua autoconsciência.

Apesar de sua tomada de consciência, Ana não consegue exteriorizar sua mudança, mesmo enxergando a vida por outro ângulo, ela deixou de lado os sonhos para focar-se em sua realidade, e cuidar do seu lar. De acordo com Bachelard (2009, p. 13), “as exigências de nossa função do real obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a constituir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades.” Apesar da inquietude e da fuga da realidade, ao voltar para casa Ana encontra o sossego que ela não teve no mundo exterior.

Em dois momentos do conto repete-se a frase: “Assim ela o quisera e escolhera”. Essa repetição nos faz refletir sobre nossas escolhas e ter a certeza de que não nascemos com um destino já traçado. Somos nós que escolhemos nosso caminho, assim como Ana escolheu o dela.

Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. [...] Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 1960, p. 20)

Ana tinha consciência de suas escolhas. No entanto, parecia não perceber as consequências que essas lhe traziam, tendo em vista o tempo que levou para se dar conta de sua realidade.

Para Bachelard (2009, p. 5):

A consciência é contemporânea de um devir psíquico vigoroso, um devir que propaga seu vigor por todo o psiquismo. A consciência, por si só, é um ato, o ato humano. É um ato vivo, um ato pleno. Mesmo que a ação que se segue, que deveria seguir-se, que deveria ter-se seguido permaneça em suspenso, o ato consciencial tem sua plena positividade.

Com isso, acreditamos que mesmo tendo continuado com a mesma postura e o mesmo comportamento, Ana emancipou-se em seu pensamento. Por esse motivo, seu devaneio foi positivo, haja vista que agora ela já não era mais escrava de seus pensamentos. No entanto, Ana preferiu continuar vivendo em sua rotina por acreditar que não pode mudar sua realidade em virtude de um modelo pré-estabelecido pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos ao final dessa pesquisa como a mulher vem sendo tratada pela sociedade ao longo dos tempos, reprimida por milhões de anos, sendo obrigada a acatar as “ordens” do marido sem nenhuma contestação. Isso a coloca em um patamar inferior em relação ao homem, o qual possui maior prestígio para a sociedade.

Diante desse panorama, vemos na personagem feminina Ana o retrato da mulher da década de 1950, discreta, comedida, e que ainda desempenha as funções de esposa, mãe e doméstica como principais atividades, enquadrando-se no destino de mulher, e repetindo os papéis impostos às mulheres pela sociedade.

No entanto, mesmo sentindo-se insatisfeita com seu modo de viver, Ana demonstra certa acomodação e conformidade com a situação, algo característico e recorrente nas obras de Clarice. Através do conto, percebemos que o modelo patriarcal ainda está fortemente enraizado na sociedade atual, na qual a mulher encontra-se sujeita ao homem.

No conto, o devaneio da personagem a leva a enxergar sua realidade, dando-lhe uma “sacudida” e fazendo com que reflita acerca de sua vida e sobre seu papel de mulher, marcada pelo modelo feminino imposto pela sociedade, que acabava aprisionando a mulher ao lar e impedindo-a de exercer outras funções no ambiente externo, como, por exemplo, trabalhar fora de casa.

A partir dessas percepções, inicia-se na personagem um processo de transformação interna, o que a faz repensar seu comportamento submisso diante de seu marido e de seus afazeres cotidianos, mas, no entanto, a mudança externa não acontece.

Entretanto, o devaneio de Ana foi positivo, pois a fez enxergar o mundo com outros olhos, sob outro ângulo. Com isso, chegamos à conclusão de que para a personagem, não foi possível haver uma emancipação externa em detrimento das pressões sociais que sofreria se tomasse a decisão de seguir seu coração e realizar seus desejos. Por isso, Ana preferiu não arriscar uma mudança por se sentir segura e confortável no ambiente doméstico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. PRIORI, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DUBY, Georges. **Eva e os padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p. 168.

HELENA, Lucia. **Nem musa nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói; EDUFF, 1997.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de Família**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MASUTTI, Mara Lúcia. **Revidar o olhar: uma lição benjaminiana**. In: *Revista de divulgação Cultural*. Blumenau, n. 81, p.30-35, set-dez, 2003.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: COSAC NAIFY, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Literatura de Autoria Feminina**. In BONNICI, Thomas e

ZOLIN, Lúcia Osana (Org.) *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.